

A capoeira como ato poético e filosófico: partindo da perspectiva de Josef Pieper

Eduardo Okuhara Arruda¹

Resumo: Este artigo enfoca a capoeira como ato poético-filosófico na medida em que se põe com o seu modo próprio de ser-capoeira, isto é, com a cosmovisão africana, suas tradições, religiosidade e, partindo desses elementos, a roda como espaço-essência de transcendência. Busca uma aproximação da filosofia de Josef Pieper com a capoeira enquanto práxis cultural e uma ética que se orienta para a abertura de possibilidades de estar-com-o-outro-na-roda, abrindo nessa perspectiva do estar-com-o-outro, a roda como espaço do *mirandum*. As discussões, em busca dessas aproximações, visam abrir novos horizontes para a capoeira, a roda como espaço-essência de jogos poéticos e abalos filosóficos.

Palavras Chave: Capoeira, Josef Pieper, ato poético, abalo filosófico e *mirandum*.

Abstract: This article aims to discuss capoeira as (in some sense) philosophical and poetical act in the sense of Josef Pieper: “roda de capoeira” as the source of *mirandum*.

Keywords: Capoeira, Josef Pieper, poetical act, philosophical act.

Introdução

*Abalô capoeira abalô !!!
Eh! abalô deixa abalá...²*

Parece-me que a admiração é a experiência de um olhar para a totalidade. Filosofar para Pieper (2007, p. 36) “significa voltar o olhar para a totalidade do mundo”. Admiramo-nos na justa medida em que aquilo que se vê não é apenas a coisa em si, mas um algo que guarda a dimensão do divino, da beleza da vida, da totalidade. A filosofia preocupa-se com a totalidade das coisas e, em especial, com o sentido daquilo que é imanente à vida humana, como a cultura e questões existenciais, por exemplo. Mas, a questão formulada como a problemática desse ensaio se configura na provocativa pergunta: Como compreender a capoeira como ato poético-filosófico a partir da filosofia de Josef Pieper?

A relevância desse ensaio talvez esteja relacionada à busca das questões mais filosóficas que podem envolver a capoeira, levando-a para um campo, ainda pouco explorado, poético-filosófico e, nesse sentido, imaginando a roda como espaço-essência de transcendência.

No que se refere à capoeira, expressão poético-corporal, cabe salientar que o paradigma positivista se faz presente na medida em que a capoeira não é contemplada na sua totalidade. Afinal, o que representa a totalidade da capoeira? Ou o que é capoeira?

¹Doutorando em Educação (UMESP). Mestre em Educação Física (UNIMEP); Docente da UMESp no Curso de Educação Física e do Núcleo de Formação Cidadã. Docente do Unifitalo no Curso de Educação Física. Coordenador do Projeto Práxis Capoeira na UMESp; Coordenador do Projeto de Capoeira no Instituto Padre Leo Comissari.

² Corrido muito cantado nas rodas de capoeira.

Dias Gomes, poeticamente, nos dá pistas acerca da totalidade da capoeira, que embora não esgote suas possibilidades nesse poema, revela sua polissemicidade.

Capoeira é luta de dançarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, bailado, disputa, simbiose perfeita de força e ritmo, poesia e agilidade. Única em que os movimentos são comandados pela música e pelo canto. É a submissão da força ao ritmo. Da violência à melodia. A sublimação dos antagonismos. Na capoeira os contendores não são adversários, são camaradas. Não lutam, fingem lutar. Procuram genialmente dar a visão artística de um combate. Acima de um espírito de competição, há um sentido de beleza. O capoeira é um artista e um atleta, um jogador e um poeta.³

Em outro estudo (Arruda 2014), procurei indicar que a capoeira tem na sua mestiçagem o amálgama étnicocultural, dimensões sociais, políticas e ideológicas e, ainda, carrega na sua historicidade toda essa dinâmica que contribuiu, a nosso ver, para gerar uma diversidade dentro do próprio universo da cultura da capoeira. Nesse mosaico de diferentes linguagens corporais a capoeira expressa múltiplas dimensões como, lutadançajogo. Dimensões essas que estão juntas, imbricadas umas às outras.

Em uma concepção cartesiana, a capoeira é fragmentada, isolam-se suas dimensões. Ora se reduz ao esporte, à competição, à busca do aperfeiçoamento técnico e o rendimento; ora se pratica uma capoeira contemporânea, atual, em busca de coisas novas negligenciando as tradições dos antigos mestres, ora se busca o movimento, a prática, negligenciando os conceitos, a história e a consciência de um movimento para a libertação e a práxis da capoeira. (ARRUDA, 2014)

O paradigma da separação tem na lógica a concepção reducionista-mecanicista, isto é, a redução e a disjunção dos fenômenos. É, portanto, parcelando e isolando os fenômenos que o paradigma cartesiano⁴ forjou suas bases filosófico-científicas. Reiteramos, que na visão cartesiana, é parcelando, isolando, mutilando, que se tem o controle e a manipulação.

Atinente à capoeira, nossa perspectiva aponta para uma práxis da capoeira como via de liberdade do corpo, corpovivido, onde cada um possa expressar os seus sentimentos e desejos, corpoEros. Mas, expressão e liberdade dentro das suas possibilidades individuais e corporais, sem as determinações disciplinares do corpo pelos padrões estabelecidos, sem a competição e a derrota do outro como prioridade e, mormente, que cada um de forma consciente reconheça em seu corpo a representação de um corpovivo, corpoativo, corpocriativo, corpoético, corposolidário, corpoutro, corpo que possa estar expressando, compreendendo, se doando, criando, sentindo, se libertando, se movimentando, estar sendo. (ARRUDA, 2014).

Contudo, o que nos importa nesse ensaio é a sua dimensão filosófica, compreendendo o ato de filosofar a partir de Josef Pieper, isto é, como atitude de contemplação capaz de transcendência em relação ao mundo dado.

³ Poema de **Dias Gomes** que, a meu ver, reflete de forma profunda a dimensão polissêmica da capoeira como linguagem cultural e corporal, mas, ao mesmo tempo, revela sua dimensão estética, poética e educativa.

⁴ Deve-se evocar aqui o "grande paradigma do Ocidente" formulado por Descartes e imposto pelo desdobramento da história européia a partir do século XVII. O **paradigma cartesiano** separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Esta dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro sujeito/objeto; alma/corpo; espírito/matéria; qualidade/quantidade; finalidade/causalidade; sentimento/razão; liberdade/determinismo; existência/essência (MORIN, 2001, p. 26).

Para Pieper (2007, p. 8) “filosofar consiste em uma ação na qual o mundo do trabalho é ultrapassado”. Como a capoeira pode encetar uma experiência que promova essa atitude filosófica, um estado de contemplação?

O ato filosófico na roda e o jogo da transcendência

*“ A razão pela qual o filósofo
compara-se com o poeta é esta:
ambos têm a ver com a admiração ”.*
Tomás de Aquino

A roda na sua essência é espaço de contemplação, espaço-essência para o jogo da capoeira, locus que habita a cultura da capoeira, locus onde apresenta toda a dimensão eidética da capoeira, ritualidade e sistemas simbólicos, gestualidade, musicalidade e, ainda, as formas de ser-e-estar-na-roda. (ARRUDA, 2015a).

Esse espaço-essência pode se abrir para novos horizontes, novas formas de ser-e-estar-na-roda, espaço dos possíveis, como gerar uma atitude filosófica, pois abre-se como espaço de contemplação, transcendência do mundo que está aí, espaço de intersubjetividades e relação com culturas.

O mundo do trabalho é mundo cotidiano do trabalho, o mundo da utilização, da serventia e a fins, do rendimento, do exercício de funções; trata-se do mundo da necessidade e da renda, o mundo da fome e do modo de saciá-la. O mundo do trabalho é dominado pelo objetivo da realização da utilidade comum. (PIEPER, 2007, p. 8)

O estar-na-roda é essencialmente a ruptura do mundo cotidiano do trabalho, mundo da produtividade e das utilidades, da instrumentalização do corpo. (ARRUDA, 2014). A roda da capoeira é um lugar onde os corpos se desinstrumentalizam em vista daquilo que é o essencial, entregar-se à totalidade da capoeira, o jogocorporal, a musicalidade, toques, cânticos e palmas, a ritualidade, religiosidade e, especialmente, espaço para a reflexão-filosófica, a partir dos elementos que se colocam na própria roda de capoeira, como os elementos de Eros.

O prazer é algo mais, é alegria, é aprender a viver com eroticidade, é assumir o Eros. Não pensar no prazer e na alegria, é negar a eroticidade. Negar o prazer, é negar a vida. Então brincar é afirmar a vida. Brincar é celebrar a vida e o mundo por se descobrir que são intrinsecamente bons. Brincar é viver. O prazer é a mais eficiente arma contra o sistema que nos domina. Aprender a lidar com o outro, com o corpo e com o prazer representa, crescer, querer ser humano. (NUNES FILHO, 1997). Vale destacar que no jargão da capoeira, costuma-se dizer “*vamos vadiar*”, isto é, jogar capoeira, brincar, divertir-se, libertar-se do mundo do trabalho e sua lógica de produtividade, “*vagatus, ergo sum*”.

Essa dimensão erótica do ser humano, transcende o *homosapiens*, e aí partilhamos com Fernando Pessoa, “dizer que o ser humano é um ser racional, é dizer demasiadamente pouco”⁵, isso remete-nos a refletir que essa eroticidade é fundamental

⁵ Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/a/fernando-pessoa>.

para a libertação do corpo, o mundo não é regido tão somente pelo racional, pelo “*cogito, ergo sum*”.

Nunes Filho (1997) ao explicitar que o Eros não se divorcia da razão, assevera que o Eros não é irracionalidade. O homem que se orienta pelo erótico não é necessariamente um irracional, mas o contrário, a razão sem a participação do Eros é que irracionaliza o ser humano e transforma-o num corpo à serviço da dominação e das culturas voltadas à destruição da humanidade.

Juntos com Nabor Nunes (1997) partilhamos a ideia de que o Eros representa um elemento fundamental na quebra dessa submissão. Há que se pensar com liberdade, ser desejanste de fazer história e ser erótico o bastante para não sucumbir à dominação. Os grandes nomes da história não se fizeram sob a vigilância do Estado, eram livres e se lançaram na vida, repletos de eroticidade.

Capalbo (2003) ainda discorrendo acerca do corpo, assevera que o corpo é a expressão de nossa existência, tanto quanto a palavra é a expressão do pensamento. E, ainda, que as manifestações de nossa vida como a imaginação, a emoção, o trabalho cultural e artístico, representam manifestações de nossa existência, na mesma medida que representam realizações existenciais.

Santin (1999, p. 68) compreende que a corporeidade humana deve ir além:

precisa considerar a sensibilidade afetiva, as emoções, os sentimentos, os impulsos sensíveis, o senso estético, etc. Também não significa que isso seja a corporeidade humana, mas é aqui e assim que ela se manifesta e se expressa. São esses os sinais e os elementos que precisam ser desenvolvidos, isto é, cultivados e, portanto, orientados, estimulados, fortalecidos. Poderíamos dizer, talvez, educados, e ao mesmo tempo cultuados, isto é, mantidos livres, espontâneos, criativos, como a obra de arte, como os valores estéticos.

Nessa perspectiva, de expressar-se corporalmente através do sentido estético, Nunes Filho (1997) revela que é precisamente na arte que há uma possibilidade de descontinuidade com a ordem estabelecida, representando no corpo uma expressão erótica.

O erótico deve ser interpretado como desejo. Desejo de manifestação humana e construção de historicidade. A história é construída a partir de um desejo, de uma existência e um projeto de eroticidade. (NUNES FILHO, 1997).

A partir desses lampejos de eroticidade, cabe-nos entender a expressão corporal da capoeira como essa manifestação erótica. A excitação de ser-estar-jogar eroticamente na roda. A libertação se dá no corpo, ao jogar, cantar, tocar, expressar com liberdade os movimentos, expressar autenticamente as emoções na roda e viver eroticamente essa liberdade no corpo quebrando as correntes que são colocadas no corpo pelo sistema, corposufocado.

O corpo erótico luta. Está sempre com o corte da navalha afiado. Nas palavras de Freire e Da Mata (1993, p. 38) a luta é

elemento básico para o enfrentamento dos mecanismos de poder que tentam impedir a auto-regulação, a liberdade de ser e fazer o que se quer. A disposição de luta numa roda de capoeira está relacionada às nossas atitudes de luta na vida. A roda é um treino e um diagnóstico de

como estamos lutando. Nosso esquema corporal é um reflexo direto de nossa vida emocional.

O corpo deve ser contemplado na sua plenitude. O corpo não é a prisão da alma, mas a fonte de emancipação do ser. Os gestos e toda a expressão corporal revelam as emoções, as intencionalidades, portanto, é pelo corpo que se estabelecem as relações com o outro e com o mundo. É o corpo a maior expressão dos nossos desejos. (NUNES FILHO, 1997).

Nunes Filho (1997) discorre acerca da libertação enquanto ética. A ética contemplada como a ética pela busca da liberdade. A transgressão representa não apenas a negação de valores, mas a superação da deserotização. Viver eroticamente é gozar de liberdade, assumindo uma própria individualidade, existencialidade, sem os ajustes sociais, as padronizações que aprisionam o corpo.

A libertação do mundo utilitário, sentido do filosofar, representa a essência da capoeira, não apenas historicamente, mas enquanto libertação do corpo é, portanto, por essa perspectiva que defendemos a capoeira como muitos possíveis, como campo filosófico inclusive.

Filosofar significa transcender o mundo do trabalho e, portanto, faz parte da essência do ato filosófico justamente não ser próprio deste mundo das utilidades e eficiências, da necessidade e do rendimento, desse mundo do bonum utile, da “utilidade comum”, mas ser, por princípio, incomensurável com ele.

De fato, quanto mais total se torna a reivindicação do mundo do trabalho, tanto mais grave vem à tona essa incomensurabilidade, esse não-pertencimento. (PIEPER, 2007, p. 9)

A filosofia tem se tornado um mundo estranho, pois não remete à lógica do mundo da produtividade. Para Pieper (2007, p. 9) é possível dizer que

esse agravamento e esse perigo a partir do mundo total do trabalho são o que caracteriza propriamente a situação da filosofia hoje, quase mais que sua problemática de conteúdo.

A filosofia adquire – necessariamente! – cada vez mais o caráter do estranho, do mero luxo intelectual, até do autenticamente insustentável e do que não deve ser levada a sério, **quanto mais a reivindicação do mundo do trabalho cotidiano domina o homem de maneira exclusiva.** (grifo nosso).

Mas, assim como a filosofia, a arte e a cultura também têm irrompido como mundos estranhos, pois não coadunam com a lógica do mundo dado, mundo utilitarista. Atualmente a existência se circunscreve a um cotidiano de objetividades, tais como dinheiro, consumo, a predominância do acúmulo dos bens materiais e, pode-se dizer, o desinteresse pelos bens simbólicos, como a arte e a cultura.

Trata-se basicamente do mundo cotidianamente dado, no qual se deve trabalhar intensamente, no qual fins muito objetivos determinados, com fins que devem ser visados por um olhar alienante, orientado para o que está perto e o mais próximo possível. (PIEPER, 2007 apud LAUAND, 2011).

A capoeira como abalo poético: corpoesia

*O capoeira⁶ não é um poeta porque faz poemas,
mas porque faz poesia com o corpo⁷*

Para Lauand (2011, p. 14) a admiração é um abalo. E é pelo abalo da “admiração que surge a questão filosófica, que longe de afastar-se da realidade cotidiana, volta-se para ela sob um ângulo não-quotidiano, posto à luz no abalo admirativo”. A roda, no seu modo próprio de ser-capoeira, é poesia. Lugar onde habita a cultura e os corpoeiras e corpoéticos, corpos que fazem poesia com o corpo, a partir de uma sintaxe corporal, onde os símbolos são representados pelos movimentos da capoeira. Mas, parece-me que a poesia não está dada, é preciso ser ativo para enxergá-la, a dimensão estética da capoeira pode não ser percebida, dependendo de como é olhada.

Nesse sentido, Prado (1991 apud LAUAND, 2011, p. 18), diz:

de vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo. É a força da arte que faz com abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda (...). E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas as experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não um discurso. Como um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – “que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” - , aí você pode dar graças: **você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido (...). O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário: ela traz para o real (...).**⁸ (grifo nosso).

A roda de capoeira é espaço-essência de poesia. Poesia de corpo-na-roda. Poesia na sua totalidade, na gestualidade, na música, nos ritos e tradições, nas narrativas corporais que se formam no jogo euoutro, na improvisação e, mormente, considerando o jogo da capoeira como *ludus⁹poiesis*, pela sua própria natureza, pois

é sempre único. Temos que estar prontos para improvisar. Golpes são desferidos e nos chegam de todos os lados e em vários planos e direções, subitamente. O mais importante é estar consciente. Quando menos esperamos, o pé se aproxima, está perto do nosso rosto ou nos

⁶ Utilizamos a expressão **capoeira** também para fazer referência ao sujeito.

⁷ Ver ARRUDA, E.O. Capoeira: Corpo e Educação Física – Por uma pedagogia corporal e humanista. Curitiba: Editora CRV, 2015, p. 3.

⁸ Trecho retirado da entrevista com Adélia Prado no programa Sempre um Papo, TV Câmara, de 06/08/2008, disponível em: <http://WWW.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>.

⁹ Embora a palavra jogo provenha de *jocus*, as formas latinas que traduzem a ideia de jogo, na acepção atualmente mais generalizada, é *ludus*. Ver: CABRAL, A. Teoria do Jogo. Lisboa: Editora Notícias. s/d. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=l8assJOXfK4C&pg=PA79&lpg=PA79&dq=jocus&source=bl&ots=ZlQVuUztd&sig=mRz4eh3axeilIsbak3V8rIziSfVw&hl=pt-BR&sa=X&ei=Slk-VfPCOu7bsATqoIDADA&ved=0CCsQ6AEwAg#v=onepage&q=jocus&f=false>.

puxando por baixo. Meu ataque é defendido com um contra-ataque. Meu pé não acha nada, só um vazio. O corpo do outro se esquiva, some, desaparece. Ora está em cima, ora está embaixo. Estava longe, e num instante ressurgue bem perto, próximo o bastante para me aplicar um golpe e me derrubar. éh ! camará, não é brincadeira não, “ o facão bateu embaixo, a bananeira caiu “!!! (ARRUDA, 2014, p.80)

A dimensão da circularidade está presente na capoeira, a roda, que representa a cosmovisão africana, está na capoeira não apenas para delimitar o espaço para os corpos, para a corpoesia, mas para expressar, simbolicamente, a dimensão da circularidade-continuidade. A circularidade-continuidade das narrativas que se constroem em cada jogo que não terminam naquela roda, os capoeiras encontrar-se-ão em outras rodas, em outros jogos *luduspoiesis*. A continuidade da energia que circula e, ainda, a circularidade das funções, de quem joga, canta, toca, é o que confere a roda de capoeira uma perspectiva democrática. Estar na roda, portanto, é estar em posição de circularidade. Não há uma posição definida, embora haja o respeito pelos mais antigos, pelos mestres que dão a lição de humildade, isto é, ensinam pela pedagogia da circularidade, onde as coisas circulam.

É nessa circularidade, nessa experiência de não-conclusividade que se dá o abalo poético-filosófico na capoeira.

Abalo (também o ato filosófico, a poesia autêntica, a vivência artística em geral, a oração fundam-se em um abalo!), o homem experimenta a não-conclusividade desse mundo cotidiano: transcende-o, dá um passo além dele. (PIEPER, 2007, p. 12)

É nesse corpo-roda, nessa circularidade que se dá a corpoesia, as expressões poéticas, a sintaxe corporal, portanto, o jogo, a música, os improvisos no canto e no corpo e, em especial, a religiosidade presente na roda, o que fortalece, em nossa análise, a dimensão da *poiesis*.

Para Pieper (2007, p. 12),

onde o religioso não pode crescer, onde o artístico não encontra nenhum lugar, onde o abalo mediante a morte de Eros perdem sua profundidade e são banalizados, aí também não vicejarão a filosofia e o filosofar.

Portanto, a capoeira na sua totalidade não exclui a dimensão da religiosidade, pois

a cultura afro-brasileira encontra suas raízes na religião tradicional africana, que é uma cultura integradora no qual a dimensão do sagrado e do profano são distintas, mas operam numa lógica de complementaridade. O aspecto religioso abrange, assim, toda a vida e não apenas uma parte dela. O africano é uma pessoa essencialmente religiosa. (OLIVEIRA, 2007 apud ARRUDA, 2015, p.52).

Assim, vale pôr em relevo que para o africano, a religião tem uma dimensão de coextensividade da vida. (ALTUNA, 1985 apud ARRUDA, 2015). A partir de uma

descrição eidética da capoeira, é possível fazer emergir a sua dimensão poéticoreligiosa.

A roda de capoeira é um espaço sagrado, não se entra na roda de forma desritualizada; A cabeça no chão na **Capoeira Angola** representa a reverência aos antepassados e conexão com o plano espiritual, assim como nas tradições da Umbanda e do Candomblé; O sinal do cruz antes do jogo expressa um pedido de proteção, corpo-fechado contra as mandingas ¹⁰do outro capoeira. Os cânticos a exemplo dos pontos não seguem uma linearidade pura e simples ou são cantados mecanicamente, mas seguem intuições, presencialidades (mestres ou pessoas amigas), avisos ou mensagens, improvisações e, ainda, de forma marcante, invocações de ancestralidade, como Zumbi e mestres antigos, como Bimba e Pastinha. Os berimbaus emitem sonoridade a partir da tensão de um arame de aço, conjugado com a ação de uma cabaça que tem a função de um caixa de ressonância, e nesse mecanismo cordofônico é comum que o arame estoure o que para a maioria dos capoeiras é um sinal, uma representação de energia metafísica. Em que pesem os questionamentos de ordem racionalistas e positivistas, é comum essa crença o que revela a cosmovisão afro-brasileira, isto é, a existência de uma ligação com outros mundos.

A roda da capoeira como espaço do *mirandum*

Tomás de Aquino¹¹ (apud PIEPER, 2007, p. 12) aponta que “o filósofo tem afinidades com o poeta na medida em que ambos têm a ver com o *mirandum*, com o admirável, com o que é digno de admiração, que reclama admiração”. Nessa perspectiva, é possível falar da roda de capoeira como abertura ao *mirandum*, a roda como espaço de admiração. Cabe aqui uma análise sobre o *mirandum* na capoeira, portanto, uma *roda-mirandum* a partir de uma ética humana na capoeira, um jogar-com-o-outro na dimensão do euoutro e não do eu contra o outro.

Para Pieper (2007, p. 12) “O ato filosófico é aparentado e próximo do poético”. Nesse sentido, na senda da constituição do corpoético, cabe reiterar que a roda de capoeira é ao mesmo tempo espaço para a constituição do poético e do filosófico, portanto, jogo poético-filosófico.

Nesse ponto, é inequívoco que o admirar e o filosofar estão ligados um ao outro num sentido muito mais profundo do que à primeira vista parece estar. “A admiração é o início da filosofia”. (PIEPER, 2007). Dessa forma, colocamo-nos reflexivamente, como a arte, na sua amplitude, poderia, a partir da admiração, gerar uma atitude autenticamente filosófica, ou seja, levar aquele que cognoscentemente está admirando a pensar sobre a essência daquilo que se admira e, desse modo, conectar-se com a totalidade?

Na admiração há algo negativo e positivo. O negativo consiste em que aquele que se admira não sabe, não compreende, não conhece o que “está por trás”; como diz Tomás de Aquino, “ a causa daquilo a respeito

¹⁰ Termo comumente utilizado para expressar, no universo da capoeira, esperteza, sagacidade, fintas ou habilidades que enganam o oponente durante o jogo.

¹¹ TOMÁS DE AQUINO, Comentário à Metafísica de Aristóteles I, 3 (n. 55). Ver PIEPER, J. O que é filosofar ? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

do qual nos admiramos é-nos oculta¹²”. Portanto, quem se admira não sabe; ou não sabe perfeitamente, não compreende. Quem compreende não se admira. Não se pode dizer de Deus que ele se admira, pois Deus sabe tudo de modo mais perfeito. E mais: o que se admira não só não sabe, ele tem consciência de que não sabe, entende o fato de não saber. Todavia, esse não é o não-saber da resignação. Ao contrário, o que se admira é alguém que se põe a caminho. A admiração pertence tanto que o homem silencie pasmado por um instante como se ponha à procura. (PIEPER, 2007, p. 45).

Em Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, ¹³a admiração é diretamente definida mediante o *desiderium sciendi*, o anseio por saber, reivindicação ativa por saber. No pensamento aristotélico o que causa admiração causa deleite. Entretanto, se há o negativo, há o positivo da admiração. Em Pieper (2007) onde existe deleite espiritual, existe também o admirável. O deleite daquele que se admira é o de um iniciante, aquele que se coloca diante de algo novo.

Na conexão entre o positivo e o negativo da admiração, há o que Pieper (2007) denomina de *estrutura de esperança da admiração*, a forma construtiva da esperança, própria do filosofar e do humano. Somos, em nossa essência, viatores, caminhantes, ou seja, o ainda não somos. Não somos, esperamos ser¹⁴. “E no fato de que a admiração também possui a forma construtiva da esperança, mostra-se o quanto ela pertence à existência humana”. (PIEPER, 2007, p. 46)

Somente para aquele que se admira, isto é, somente para um poder espiritual de conhecimento, que não possui e não vê tudo de uma vez, a realidade dada pelos sentidos pode se tornar transparente aos poucos e as suas profundezas mais essências podem se tornar cada vez mais evidentes (PIEPER, 2007, p. 48).

Como a arte abre caminho para o filosofar? Possivelmente, um dos caminhos é o da admiração, do *mirandum*, aquele que se admira, não compreende, admira-se e admirando-se, se põe a caminho, em busca, em posição de transcendência. Nesse diálogo entre o não compreender e o deleite da admiração, brota o esperançamento, modo próprio do ato filosófico, portanto, a capoeira como arte, pode abrir um horizonte filosófico na medida em que leva a admiração, a um estado de busca e, nesse sentido, de jogoesperança na roda, pois não somos, esperamos ser-jogar, sendo-jogando.

Filosofia aparente e a capoeira

No tocante a uma filosofia aparente, há um diálogo de Sócrates e Pitágoras que revela uma pseudofilosofia. Em Platão, Sócrates pergunta ao sofista Protágoras: Que ensinas aos jovens que de ti se aproximam? E Protágoras responde: Comigo aprende-se prudência, seja em questões privadas (...), seja nas questões públicas (...).

¹² TOMÁS DE AQUINO, De potentia 6,2. PIEPER, J. O que é filosofar ? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

¹³ TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica I, II 32, 8. PIEPER, J. O que é filosofar ? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

¹⁴ PASCAL, Pensées, n. 72 (segundo a numeração de L. Brunschvicg), Em PIEPER, J. O que é filosofar ? São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Essa é a problemática clássica da filosofia como saber de formação, uma filosofia aparente, sem transcendência.¹⁵

A partir dessa análise sobre o diálogo dos filósofos e da compreensão de uma filosofia aparente, podemos, nessa mesma linha reflexiva, pensar uma capoeira aparente, não-filosófica, utilitarista, voltada para servir fins outros que não a própria transcendência que a capoeira, no seu modo-próprio-de-ser-capoeira, o (cosmovisão africana, tradições e religiosidade) naturalmente oferece. Aquele que ensina a capoeira sem transcendência, portanto, uma capoeira destituída da sua essência, não atende o papel do mestre, guardião da tradição da capoeira, pois

o mestre é aquele que é legitimado por sua comunidade, como o portador de um saber que encarna as lutas e sofrimentos, alegrias e celebrações, derrotas e vitórias, orgulho e heroísmo das gerações passadas, e tem a missão quase religiosa, de disponibilizar esse saber àqueles que ele recorrem. O mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora que irrompe para dignificar o presente, e conduzir a ação construtiva do futuro. (ABIB, 2006, p. 96)

O filosofante não vira o rosto quando, no ato filosófico, transcende o meio ambiente do dia-a-dia do trabalho, das coisas do mundo dado, das coisas objetivas, sujeitas a certos fins do cotidiano. Não olha em outra direção a fim de ali então ver o mundo universal das essências. (PIEPER, 2007). Assim, é o mestre, o guardião-filosofante das tradições da capoeira, faz que o seu discipulado, ao entrar na roda, penetre o mundo, para além do meio ambiente, do mundo dado, do mundo do trabalho. Entrar na roda, enquanto ato filosófico, é estar-no-mundo em busca de liberdade, transcendência e jogo poético.

É nesse jogo filosófico que a capoeira busca o filosofar-na-roda. O filosofar como distanciamento, “não das coisas do dia-a-dia, mas das interpretações correntes, das valorações corriqueiramente válidas dessas coisas”. (PIEPER, 2007, p. 40).

Final do jogo: Algumas possíveis considerações...

A partir desse diálogo filosófico com Josef Pieper, a capoeira pode se traduzir como espaço poético-filosófico, pois transcende o mundo do trabalho, das objetividades e, nessa senda, pode remeter a uma indagação, *porque jogar capoeira?* O jogar capoeira pode, de algum modo, representar um ato filosófico, na medida em que não se orienta para questões do mundo objetivo, mas como atitude de liberdade, jogar capoeira para transcender a vida objetiva e o mundo do trabalho.

Em Pieper (2007, p. 13), encontramos as pseudofomas do artístico,

há má poesia que em vez de romper o limiar do cotidiano do trabalho somente pinta ornamentos, por assim dizer, enganosos na parede interna do cotidiano, entregando-se, como “poesia útil” , privada ou

¹⁵ PLATÃO, Protágoras 318 a 6ss. Em PIEPER, J. O que é filosofar ? São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 14)

política, mais ou menos abertamente a serviço do mundo do trabalho: essa “ poesia “ não ultrapassa, nem mesmo aparentemente.

Do mesmo modo, não defendemos aqui uma perspectiva generalizante que engloba a capoeira como uma prática uniforme e isenta de ideologias e interesses do mundo dado. No entanto, há pseudocapoeiras, aquelas que não ultrapassam sua condição utilitarista, mercadológica, tecnicizante e, ainda, de rendimento, orientadas à competição, entre outras formas de pseudocapoeira, como as transfigurações da capoeira em lutas que visam o massacre e a destruição do outro.

Mas, é preciso considerar que há, na imanência da capoeira, aspectos da *poiesis* e, quando a capoeira se expande na sua totalidade, portanto nas suas tradições, cosmovisão africana, práxis humana e cultural, pode abrir um horizonte poético-filosófico, na medida em que busca sentidos humanos.

Assim, se-jogar-na-roda, no sentido de se lançar dentro da roda para desobjetivar-se, subjetivando-se, portanto, transcender a objetividade do mundo, é o se assumir, ou seja, assumir sua subjetividade plena, a corporeidade na roda, a constituição de uma roda enquanto espaço-essência para o jogo poético-filosófico e o estar-com-o-outro-na-roda.

Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Salvador: EDUFBA, 2006.

ARRUDA, E. O. **Capoeira, Corpo e Educação Física: Por uma pedagogia corporal e humanista**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

ARRUDA, E. O. Fenomenologia e práxis da capoeira: a roda como espaço de memória, ritualidade e identidade **Convenit Internacional** Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto, 18 mai-ago, 2015a.

ARRUDA, E. O. Fenomenologia hermenêutica e a cultura afro-brasileira: Religião, capoeira, cosmovisão africana e práxis étnico-racial. **Convenit Internacional**. Cemoroc-Feusp / IJI - Univ. do Porto, 19 set – dez, 2015b .

CAPALBO, C. **Corpo e existência na filosofia de Maurice Merleau-Ponty**. In: PINTO DE CASTRO, D.S. et.al. (Orgs.) **Corpo e Existência**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003

FREIRE, R.; DA MATA, J. **Soma - Uma terapia anarquista: Corpo a corpo** (A síntese da soma). Vol.3. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

LAUAND, J. **Pieper – Universidade (2 estudos)**. São Paulo: Factash, 2011.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez ; Brasília: UNESCO, 2001.

NUNES FILHO, N. *Eroticamente Humano*. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

PIEPER, J. **Que é filosofar?**. São Paulo: Editora Loyola: 2007.

SANTIN, S. Perspectivas na visão da corporeidade. In: MOREIRA, W.W. (Org.) **Educação Física e esportes – Perspectivas para o século XXI**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1999.

Recebido para publicação em 07-09-15; aceito em 03-10-15